

Entrevista com a Secretária de Estado de Cultura de Minas Gerais, Eleonora Santa Rosa

A revista O Brasil Feito À Mão entrevistou a Secretária de Estado de Cultura de Minas Gerais, Eleonora Santa Rosa.

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, é jornalista e produtora cultural com larga atuação no setor. Sua militância na área de projetos e marketing cultural é amplamente respeitada e reconhecida, tendo atuado ainda como consultora de formatação, negociação e gerenciamento de projetos culturais.

Durante a conversa, Eleonora Santa Rosa falou, entre outros temas, da importância do artesanato como manifestação da identidade cultural de Minas Gerais e das ações desenvolvidas pelo estado em prol deste setor.

. Qual a importância do artesanato no processo de preservação da identidade cultural das diversas regiões de Minas Gerais?

E fundamental e cito como exemplo o Vale do Jequitinhonha. Temos naquela região uma gama de artesãos e artífices da melhor arte produzida em Minas Gerais e no Brasil. Ali encontramos, de fato, inventividade, singularidade e originalidade. Esses artesãos contribuem, de forma significativa, para a construção e preservação da identidade cultural, não só do estado de Minas, mas do Brasil.

É importante dizer que o apoio ao artesanato deve ir além do apoio singelo às manifestações "populares". Precisamos ter a consciência de que o artesanato envolve uma cadeia de produção e uma atividade econômica que pode significar a redenção de regiões ou territórios com graves problemas econômicos e sociais. Por isso, o artesanato, enquanto política pública, está vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico do governo estadual e não à Secretaria de Estado de Cultura. Configurar esse setor na esfera do desenvolvimento econômico é uma visão positiva porque reconhece o artesanato como um importante instrumento de geração de renda e inclusão social.

Mas a cultura não pode, de forma alguma, passar ao largo, à margem, ou considerar isso de uma maneira menos importante. Nós, da secretaria de estado da Cultura, fazemos um trabalho que busca, evidentemente, a questão da dimensão artística do artesanato, reconhecendo-o como um fator de identidade, memória e preservação cultural.

. Na outra ponta da questão da comercialização e exposição, existe a necessidade de repassar as técnicas tradicionais do fazer artesanal para as novas gerações?

Esta é uma pergunta fundamental. Desde que tomei posse, há pouco mais de 2 anos, uma das dimensões do patrimônio que nós temos investido muito é a do patrimônio imaterial. No patrimônio imaterial temos as memórias, os fazeres e as manifestações culturais das diversas regiões. Nos fazeres, evidentemente, entra toda uma produção de mestres e artífices que hoje está se perdendo.

Dentro do IEPHA/MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de MG) desenvolvemos um trabalho que, cada vez mais, se consolida na direção de sistematizar as ações, os projetos e as normas legais que atuam no campo do patrimônio imaterial. Existe um outro órgão, ligado à Secretaria de Estado da Cultura, que faz um trabalho muito importante dentro dessa perspectiva que você citou, que é a FAOP (Fundação de Artes de Ouro, Preto). Esta Fundação desenvolve, em parceria com o Sebrae, um projeto chamado Resgate Cultural. Este projeto já foi feito na Estrada Real, no Vale do Jequitinhonha e em outras áreas do estado onde buscamos, com uma equipe técnica especializada, resgatar aqueles ofícios e técnicas (paineiros, ceramistas, sineiros, entre outros) que estão em extinção e se perdendo.

Estamos, agora, promovendo oficinas de capacitação em ofícios e, em janeiro de 2007, criamos a Superintendência de Interiorização Cultural que tem como missão trabalhar, não só no suporte à uma ação mais sistematizada da Secretaria de Cultura no campo do artesanato, mas, sobretudo, nesse aspecto do resgate dos saberes e fazeres que estão se perdendo.

. Projetos como o Viva o Vale minimizam a distancia que ainda existe entre o artesão das regiões mais distantes o e público consumidor?

Essa é uma iniciativa fundamental e se coaduna muito com o trabalho que estamos fazendo na Secretaria de Estado da Cultura. Quando assumimos, nossa primeira viagem a trabalho foi para o Jequitinhonha. Passamos dez dias viajando todo o Vale , visitando vários municípios, conversando com prefeitos, secretários e presidentes de fundações municipais de cultura, com a classe cultural e com a comunidade envolvida em torno desse setor para traçarmos planos, projetos e ações concretas no sistema de cultura daquela região.

Um projeto como o Viva o Vale se adequa muito com o que estamos promovendo. Toda e qualquer iniciativa que venha nessa direção terá uma melhor acolhida e o respeito da secretaria porque sabemos da necessidade de se realizar empreendimentos como este que, de fato, estimulam a circulação da produção artística do Estado.

4- Belo Horizonte é sede da maior feira de artesanato da América Latina. Durante os seis dias do evento, entre artesãos e turistas, cerca de 15 mil pessoas vêm à Belo Horizonte para

conhecer a produção do artesanato brasileiro e de outros países. Esse elo entre o artesanato e o desenvolvimento turístico é uma questão trabalhada entre as duas secretarias?

Também muito pertinente sua pergunta. Quando temos 15 mil pessoas circulando na feira, que é um evento nacional de expressão internacional, estamos alimentando a cadeia produtiva da cultura, ou seja, o comércio, o transporte, restaurantes e hotelaria. Esses segmentos são movimentados, particularmente, em uma cidade de turismo de negócios como é Belo Horizonte. Temos que levar isso à sério e entender que estamos lhe dando com uma questão econômica de peso e de relevo. O impacto e a importância da Feira Nacional de Artesanato é inegável e inequívoco.

Em relação ao elo entre o turismo e a cultura, estamos estabelecendo com a secretária de Estado de Turismo, Erica Dumond, algumas parcerias. Já tivemos várias reuniões e existe, mais que uma abertura de diálogo, uma efetiva parceria colaborativa da Cultura com o Turismo que vai se expressar em projetos comuns, de envergadura. O Circuito Cultural da Praça da Liberdade é um bom exemplo de parceria entre as duas secretarias. A ideia é transformar o espaço da Praça em um Centro de Cultura de nível internacional, com a realização de mostras, exposições, cursos, palestras e outras atividades relacionadas à produção cultural e, também, em um circuito importante para as questões econômicas da cidade.

No interior, com o Prodetur, nós temos algumas parcerias e já estamos trabalhando juntos. A questão da Estrada Real também é outro exemplo de trabalho em conjunto entre as secretarias.

Há, não só empenho, mas um efetivo compromisso de um trabalho entre a Cultura e o Turismo.

. Existem ações no governo do estado que dêem visibilidade internacional ao artesanato mineiro?

Quando assumimos a Secretaria nós já entramos com um grande projeto no Ministério da Cultura chamado França/Brasil. Esse projeto previa a participação de todos os estados brasileiros na França porque era o ano do Brasil naquele país e nós levamos 150 artistas para a Europa entre companhias de dança, artistas plásticos, músicos, artesãos ligados à Central Mãos de Minas e artistas do audiovisual. Minas Gerais foi um dos estados que mais brilhou na programação. Também produzimos um belo catálogo cujo carro chefe foi a produção artesanal de alguns artesãos do Vale do Jequitinhonha.

Depois fizemos no Palácio das Artes a exposição Vale Voz e Visões: A Arte Universal do Vale do Jequitinhonha. Este projeto ocupou todo o Palácio das Artes. Nunca houve na dimensão,

na abrangência e na multiplicidade de atividades, uma homenagem e um tributo tão grande e merecido ao Vale do Jequitinhonha. Tivemos, durante a programação, seminários com o Sebrae e a UFMG, várias oficinas com artesãos ensinando as técnicas do Vale, apresentações musicais e uma mega exposição utilizando todos os espaços da Fundação Clóvis Salgado. Elaboramos um suplemento literário dedicado ao Vale do Jequitinhonha, um catálogo belíssimo e um documentário feito pela Rede Minas de Televisão. Trabalhamos em um projeto multifacetado para mostrar a universalidade da arte produzida no Jequitinhonha. Universalidade montada na identidade local, através da geografia, dos pigmentos e das texturas do Vale.

Ao ver uma obra do Ulisses Gomes, da Lira Marques, da Dona Izabel (que hoje vende para Estocolmo, para a Alemanha e todos os melhores circuitos da Europa), obras da Noemiza, Zefa e tantos outros, temos a plena consciência de que esses artistas estão no mesmo nível dos maiores do mundo. Precisamos considerar não só o valor afetivo, mas atribuir o valor efetivo por uma produção que na verdade é uma lição de resistência em condições extremamente adversas, mas aonde a identidade e a marca da cultura está preservada e potencializada. Então Jequitinhonha se tornou para nós uma espécie de símbolo, muito menos retórico e mais efetivo, como plano de trabalho da Secretaria de Estado de Cultura.

. Para o surgimento de novas estéticas no artesanato é fundamental que haja o intercâmbio entre as culturas...

Eu tenho a convicção de que as feiras, mostras, exposições e os circuitos nacionais e internacionais são fundamentais nesse sentido. O que nós procuramos fazer é estimular exposições, apoiar, dar suporte, respaldar e buscar patrocínios em conjunto para que haja a maior circulação e visibilidade da produção relacionada ao artesanato de Minas Gerais.

. A Central Mãos de Minas é uma parceira importante nesse processo?

É uma parceira fundamental. O trabalho feito pela Tânia Machado (fundadora da Mãos de Minas e presidente do Centro CAPE) e por toda a equipe da Mãos de Minas é um trabalho admirável. Temos que lembrar de outra histórica batalhadora pelo artesanato mineiro que é a Mamélia Dorneles.

Eu acho que Tânia desenvolve um trabalho extremamente competente e profissional que contribuiu para que o artesanato desse um salto qualitativo na estruturação, negociação e profissionalização do setor. Acredito que várias das conquistas que o artesanato obteve em Minas Gerais - conquistas estas que têm repercussão nacional e internacional - fazem parte de um trabalho integrado, sistematizado e muito bem articulado pela competência e dedicação da Tânia Machado.

